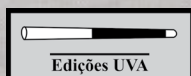


Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

*Nossa Gente,
Nossa História*
O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019



Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial

Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa

Passeio público, Fortaleza, 1919

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Reitor

Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019.
294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

Caubi Alves Braga

Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreauá-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145

Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

Alan Silva de Moraes

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeadas em Alcântaras-CE / 197

Maria Deiziane Lino

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groaíense / 205

Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

Cleane dos Santos de Medeiros

Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

Valério Samaromni Moraes de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos especialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore¹, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiraram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

¹ *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950)

Carlos Augusto Pereira dos Santos¹

A transição política

O município de Camocim foi criado pela Lei N° 1849, de 29 de setembro de 1879, ano 58° da Independência e do Império. A Villa de Camocim, portanto, criada por este ato, assinado pelo então Presidente da Província, José Júlio de Albuquerque Barros, futuro Barão de Sobral, o mesmo que, dois anos antes, batera o primeiro prego para a construção da Estrada de Ferro de Sobral em Camocim, permaneceu com os mesmos limites de quando era distrito do município de Granja. Dez anos depois, ainda no Império e três meses antes do advento da República, a então vila recebeu foros de cidade pela Lei N° 2.162, de 17 de agosto de 1899. Portanto, se quiséssemos, poderíamos comemorar duas datas – o 29 de setembro e o 17 de agosto².

|273

Mas o que tem este município de especial a ponto de sugerirmos que “a história passa por aqui” se, afinal, do processo histórico ninguém escapa e acontece em todos os lugares do mundo? Com uma boa dose de bairrismo (mas controlado pelos ossos do ofício dos adoradores de Clío) e ampliando o olhar para os acontecimentos mais importantes do período republicano no Brasil, nossa intenção é mostrar que em Camocim, em maior ou menor grau, estes fatos bafejados pela historiografia encontraram aqui uma correspondência digna de nota. Mesmo antes da República se instalar no país, há documentação que registra que em 02 de novembro de 1889 já existia um Club Republicano em Camocim.

Se não houve nenhuma manipulação da data de criação da agremiação republicana, os integrantes da Câmara Municipal de Camocim pareciam pressentir o ocaso imperial, além de se prepararem para continuar dando as cartas no novo regime, visto que seus nomes figurarão nos documentos posteriores no período republicano, como é o caso de Luís Gomes de Lima. Desde 1887 que seu nome aparece na documentação da Câ-

¹ Professor do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. E-mail: augustus474@hotmail.com

² Camocim é um município do Estado do Ceará.

mara. Sintomaticamente, é o presidente do Club Republicano fundado em 02 de novembro de 1889, que assina como presidente da Câmara em dezembro do mesmo ano³.

Com a criação do Club Republicano, a fundação do Partido Republicano foi o próximo passo. Logo, a Câmara Municipal de Camocim providenciou o envio das mensagens de bom augúrio às autoridades que haviam tomado o poder da velha e encarquilhada monarquia. A formalização da adesão ao novo regime pode ser observada nos documentos a seguir. No ofício expedido em 26 de novembro de 1889, enviado aos vereadores, consta o seguinte, respeitando-se a grafia da época:

Secretaria da Camara Municipal da Cidade de Camocim, 26 de novembro de 1889.

Sendo de imprecendível dever a Camara Municipal manifestar ao Governo provisório federal d'este Estado do Ceará a sua adhezão no heroico paço que derão na vanguarda dos mais liberais instituição pela Proclamação da República Federativa do Paiz; convoca a V.S^a., de ordem do Snr. Prezidente da Municipalidade para uma reunião extraordinária hoje às 4 horas da tarde, como digno membro da dita corporação.

Deus Guarde a V. S^a.

Ilmo. Snr. Serafim Manoel de Freitas

M. D. Vereador da Camara Municipal

O Secretario da Camara

José Carneiro de Araújo

(idêntico aos demais vereadores)⁴.

De imediato, analisando a documentação da Câmara Municipal de Camocim nesse período de transição da Monarquia para a República, percebemos algumas diferenças na sua formalidade. A partir de 16 de novembro de 1889, os documentos já aparecem escritos como “Cidade de Camocim” ao invés de “Villa de Camocim” e, a partir de dezembro do mesmo ano, os ofícios vêm encimados com a palavra “Cidadão”, e a expressão que fechava estes ofícios, com um “Deus Guarde V. S^a”, passa a ter como padrão um “Saúde e Fraternidade”. O Ceará não é mais província e os documentos são enviados ao Governador do Estado. Mais do que uma formalidade, um aspecto simbólico dos novos tempos.

³ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *A Casa do Povo*. História do Legislativo Camocinense. Sobral: Sobral Gráfica e Editora, 2008, p. 55-56.

⁴ Arquivo da Câmara Municipal de Camocim. 1º Livro de Officios Expedidos, 26/12/1885 a 11/05/1908, p. 44.

O resultado da reunião dos vereadores de Camocim, transcrito em ata e enviado ao Governador do Estado do Ceará, não foi encontrado nos arquivos da cidade, mas seu ofício de expedição, sobreviveu aos tempos, conforme transcrevemos abaixo:

1899.

Paço da Camara Municipal da Cidade de Camocim, em sessão ordinária de 11 de dezembro de 1889.

Esta Camara tem a honra de passar às mãos de V. Ex^a, a acta da sessão de hoje por cópia, em a qual acha-se consignada uma Moção de Felicitação ao Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil e aos seus muito dignos Membros do qual V. Ex^a. é Digno Delegado neste Estado do Ceará, cuja Moção V. Ex^a. se dignará fazer presente aquelle governo, com quem esta Camara se congratula.

Deus Guarde V. Ex^a.

Ilmo Snr. Tem. Cel. Luiz Antonio Ferraz
M. D. Governador do Ceará

Assignados:

Luiz Gomes de Lima
Prezidente
Leonel Dias da Fonseca
Inacio Francisco Fontenelle
Francisco Freire Napoleão⁵

|275

Este trâmite de adesão ao novo regime, com características de ter sido ordem expressa do Governo do Estado no sentido de receber imediatamente as “moções de felicitação” ao governo que se inaugurava, embora provisório, pouco mexe nas figuras de mando da política local. Naquele momento, as Câmaras Municipais são extintas para se criarem os Conselhos de Intendência Municipal. O “intendente” agora será o presidente deste conselho. Vejamos como isso se procedeu em Camocim:

Salla das Sessões do Conselho de Intendência Municipal de Camocim, em 22 de Dez., digo Janeiro de 1890.

Cidadão.

O Conselho de Intendencia Municipal desta cidade tem a honra de comunicar-vos que tendo o cidadão Prezidente da Camara Municipal recebido telegrama em que se comunicava de ordem do Governador d’este Estado, ter sido extincta a Camara Municipal e nomeado uma corporação de cinco

⁵ Arquivo da Câmara Municipal de Camocim. 1º Livro de Offícios Expedidos, 26/12/1885 a 11/05/1908, p. 45.

membros para substituí-la, hoje no paço da extinta Câmara, presentes três dos referidos cinco cidadãos, os signatários deste, instalou-se a mencionada corporação com a denominação de Conselho de Intendencia Municipal, e procedendo-se a eleição para o respectivo presidente foi eleito por maioria de votos o cidadão **Francisco Freire Napoleão**, o que comunica-vos para os devidos fins.

Saúde e Fraternidade.

Cidadão Dr. José Custódio dos Santos
M. D. Chefe de Polícia do Estado do Ceará.

Assignados – Francisco Freire Napoleão, Severiano José de Carvalho, Quariguazil Jefferson Barreto.

Identico ao Delegado de Polícia, Juiz de Direito, Juiz Municipal da Meza de Rendas, Collector das Rendas do Estado, Supple. Do Juiz Municipal em exercício, Promotor Público da Câmara, Director da Estrada de Ferro e Agente do Correio⁶.

276 | Com todas as autoridades cientes das mudanças que na primeira hora a República demandava, restava saber como atuariam na estrutura administrativa do Estado, afinal, teríamos agora uma federação que acenava com a participação de variados setores da sociedade. No entanto, afora os ganhos que o novo regime proporcionaria, o cenário mostra que, praticamente, os mesmos homens e as mesmas forças estavam novamente no jogo político, e em Camocim não seria diferente.

Se no mundo da política os homens eram quase os mesmos, como era o município de Camocim no campo religioso? Afinal de contas, se a República se inseria como um estado laico, qual o motivo de querer mapear a estrutura religiosa dos municípios? O controle sempre fez parte das preocupações dos governantes e, para termos uma vaga ideia dessa demanda, nos valem das respostas a um questionário que as autoridades republicanas enviaram para ser respondido pelos Conselhos de Intendência de todos os municípios do Estado do Ceará.

Resposta do Conselho de Intendencia Municipal de Camocim ao Questionario que se refere a Circular Nº 14 de 24 de Abril do Cidadão Governador do Estado do Ceará. 1890.

- 1º Não existem nesta localidade convento, irmandades, confrarias, ordens terceiras e comunidades religiosas.
- 2º Existe somente uma igreja, destinada a practica de actos

⁶ Arquivo da Câmara Municipal de Camocim. 1º Livro de Officios Expedidos, 26/12/1885 a 11/05/1908, p. 46. **Grifo nosso.** Francisco Freire Napoleão é um nome que aparece na documentação ainda no tempo do Império.

religiosos nesta cidade, há porém no Município duas Capellas nos lugares Gurihú e Barroquinha construídas as expensas de particulares.

3º Nada existe aqui sobre cultos acatholicos.

4º Nenhum aldeamento de indígenas há fundado por missionários cathechistas.

5º Não há estabelecimentos, núcleos e instituições de caracter ou origem religiosa com fim humanitário de propaganda ou instrução.

Camocim, 05 de Maio de 1890.

(Assignados)

Francisco Freire Napoleão, Presidente.

João Evangelista Barboza

Francisco Teixeira

Severiano José de Carvalho⁷.

Afora estas questiúnculas paroquiais, como se dizia antigamente, como podemos aquilatar que a República não conseguiu cumprir a promessa de estender a cidadania para o conjunto da sociedade, como o direito de votar, por exemplo? Os governos anteriores se enredaram nos problemas nacionais e não conseguiram consolidar as benesses prometidas na campanha republicana. Para as eleições de 1910, duas propostas se colocaram no cenário político:

|277

Ao lançar sua candidatura para a sucessão de Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, ex-ministro da Guerra de Afonso Pena, parecia o personagem ideal para restaurar as ideias de 1889 e colocar o país nos eixos caros aos militares. Mas ele não era o único pretendente ao Catete. Reagindo contra o que chamava de “militarismo iminente” e sob a bandeira da “campanha civilista”, Rui Barbosa, representante da democracia liberal, lançou-se também candidato. Foi o duelo da pena contra a espada, numa campanha jamais vista até então⁸.

Não será preciso fazer muito esforço para compreendermos as semelhanças e diferenças, dentro do contexto político vivenciado na então nascente República com a situação atual em que vivemos, onde os riscos à normalidade democrática soam como catástrofe, no momento em que mais um pleito eleitoral termina⁹. Mas voltemos a 1910 e vejamos como uma nota

⁷ Arquivo da Câmara Municipal de Camocim. 1º Livro de Offícios Expedidos, 26/12/1885 a 11/05/1908, p. 53v.

⁸ DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira*. Vol. 3. República. Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 39-40.

⁹ No momento da escrita deste texto, vive-se a expectativa das eleições de 2018, a poucos dias do segundo turno, onde duas candidaturas disputam o mandato de Presidente da República, com propostas totalmente antagônicas.

no *site* do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) contextualiza o que estava acontecendo naquele ano:

O ano de 1910 também foi marcado pela eleição para a Presidência da República. Em disputa, duas chapas com propostas claramente diversas, algo inédito no país. [...] De um lado, o militar gaúcho Hermes da Fonseca, apoiado por Nilo Peçanha, vice-presidente que havia assumido a Presidência após a morte de Afonso Pena, pelo Rio Grande do Sul e por Minas Gerais. Seu oponente foi o baiano Rui Barbosa, que angariou o apoio de São Paulo, de setores do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco.

Hermes da Fonseca representava um projeto vinculado às ideias da oligarquia rural e da máquina estatal. Rui Barbosa, ainda que também um representante da elite do país, empreendeu uma candidatura com ares de renovação. Apresentava-se como um modernizador favorável à industrialização e à imigração. Barbosa foi, ao longo de boa parte da República Velha (1894-1930), um ícone nacional no sentido da eloquência e da cultura¹⁰.

278 | Em 1910, portanto, vivia-se a atmosfera da sexta eleição presidencial e a quinta de forma direta. Infelizmente, não encontramos dados relacionados às eleições presidências anteriores em Camocim, mas, a daquele ano, pelo resultado final das urnas, mostra o quanto o poder continuava centralizado. Como dissemos anteriormente, mal a República havia se instalado no comando do país, as forças políticas camocinenses se alinharam ao novo sistema de governo, fundando o Partido Republicano, conforme atestam as atas da Câmara Municipal de Camocim. Em 1910, o comando do PR local ficou nas mãos do Coronel José Adonias de Araújo. Naquela época, as eleições aconteciam em 1º de março e os resultados deixam evidências interessantes para compreendermos como as eleições eram realizadas. Pois bem, vamos aos resultados: O Marechal Hermes da Fonseca¹¹ e seu vice, Wenceslau Braz, obtiveram 281 votos cada. Já o candidato opositor Rui Barbosa, o Águia de Haia, e seu vice, Albuquerque Lins, obtiveram apenas 1 voto cada. Afora o inusitado do resultado das eleições (ou não tão inusitado para os padrões da época, em que as eleições eram feitas à “bico de pena”), resta saber quem foi o corajoso que votou em Rui Barbosa em Camocim ou, se não houve votante nenhum, sendo apenas uma criação de quem relatou os votos em ata.

¹⁰ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/institucional/escola-judiciaria-eleitoral/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-5-ano-3/a-primeira-campanha-presidencial-2013-1910>. Acessado em 20 set. 2015.

¹¹ Segundo dizem os mais velhos da cidade, o Marechal Hermes da Fonseca era aparentado com os FONSECAS de Camocim e que até um de seus líderes, capitão da Guarda Nacional guardava uma espada que teria sido dada pelo velho marechal Deodoro da Fonseca. Esta é informação que merece uma confirmação posterior.

Só para efeito de comparação, no vizinho município de Granja, nestas mesmas eleições, o Marechal Hermes e seu vice foram sufragados por 707 eleitores cada, e a chapa oposicionista recebeu 105 votos. Seria Granja mais politizada ou o voto de cabresto lá não era tão forte? Embora que em todo o país as eleições de 1910 tenham sido sangrentas como na Bahia, onde “o sistema eleitoral viciado, as forças oligárquicas divididas e as divergências entre opositores levaram ao bombardeio da cidade”¹², por aqui não se verificou maiores escaramuças, com o bico de pena resolvendo ou escamoteando os conflitos.

Por outro lado, os resultados de uma eleição nem sempre medem o nível de conscientização política. Se atentarmos para a fonte jornalística, vinte anos antes deste episódio de 1910, alguns operários em Camocim mostraram como o ideário republicano calou fundo em suas consciências, denunciando o mau uso de seus nomes na constituição de um partido político no município. Como sabemos, na última década do século XX **Camocim** experimentava seus primeiros anos de cidade emancipada.

A transição da Monarquia para a República também era recente. Na parte política, essa transição se dava ao sabor dos interesses, como mostra a notícia do jornal “A Pátria” de agosto de 1890. Nela está contido o protesto de um grupo de cidadãos, que se diziam “operários e artistas”, que reclamam de terem sido usadas suas assinaturas por outros para a constituição de um partido. Vale dizer que naquela época, «artistas» eram profissionais especializados em um ofício como carpinteiro, bombeiro, ferreiro etc. |279

Na pequena nota, pode-se compreender que naquele momento os operários já tinham a clarividência da importância de se mostrarem na cena política, representados por um partido político, afinal, suas assinaturas foram conseguidas para se fundar “*um partido operário de socorros mutuos*”, confundindo-se assim, partido político com associações mutualistas e beneficentes. No entanto, uma leitura mais atenta do programa deste partido motiva a nota de protesto dos operários no jornal, que identificam o objetivo de “*fazer política*” com seus nomes.

Não satisfeitos com o uso de suas assinaturas, os operários Manuel Xavier Pacheco, Antônio Barachio dos Santos, Antônio Gomes de Souza, Manoel Barros Galgão e Francisco Damience Fiúza denunciam o desvio de objetivo que os senhores Aderson, Torquato Pessoa e Luís Gomes de Lima estavam fazendo com seus nomes e os desautorizando de tal expediente, ao tempo em que reafirmam pertencerem ao Club Republicano de Camocim, «filiado ao Centro de Fortaleza»¹³. Ao pertencerem e reafirmarem seus vínculos com o Club Republicano, os operários procuram também estar sintonizados com

¹² DEL PRIORE, Mary, *Op. cit.*, p. 40.

¹³ Jornal *A Pátria*. Fortaleza-CE, agosto de 1890, p. 3.

os novos ares da política prometidos pelo ideário republicano, que aos poucos se afirmava na cena política.

A República nos tempos de guerra

Como diz a historiadora Mary Del Priore, a Primeira Guerra (1914-1918) “[...] serviu pelo menos, para que se adotasse o recrutamento obrigatório. Ajudou a formação de reservas e mudou a mentalidade de que servir ao Exército era uma punição para os pobres. Doravante seria um dever cívico”¹⁴. Em Camocim, essa mentalidade fincou raízes a ponto desta tradição militarista se achar presente até hoje no cotidiano da cidade, com as representações do Exército (Tiro de Guerra), Marinha (Capitania dos Portos) e da Polícia Militar do Ceará. Essa vocação militar, por muito tempo, alimentou uma certa “Sina Espartana”, em face de um significativo número de camocinenses que alcançaram vários postos de destaque nas Forças Armadas¹⁵.

280 | No entanto, mesmo antes da Primeira Guerra, o espírito do civismo já aportava por Camocim. Em 1912, por iniciativa do Sr. Júlio Cícero Monteiro, jornalista, intelectual e vereador local, fundou-se um Tiro Infantil¹⁶. Seria mesmo uma tradição espartana? O orgulho e ufanismo pareciam estar em consonância com os ideais republicanos:

[...] vem constituir-se mais uma nota de destaque a esta cidade, incontestavelmente uma das mais florescentes do Estado. Assim sendo é justo que todos os srs. Paes [sic] de família acolham-na de braços abertos, mandando seus filhinhos-rebentos de esperança da Pátria se aliarem as suas fileiras. Isto, sobre ser de grande importância para os pequenos, porque já se habilitam ao manejo das armas vão se encaminhando no verdadeiro civismo, é de alta significação para a Pátria, porquanto no dia em que todo brasileiro souber desparar [sic] conscientemente uma arma de fogo qualquer, teremos integra-

¹⁴ DEL PRIORE, Mary, *Op. cit.*, p. 52.

¹⁵ Cf. SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. Sina Espartana. In: *O Literário*. Ano III, Edição 16, maio de 2001, p. 5. Para fazer uma relação dos filhos camocinenses nas fileiras do Exército, temos: Generais: Onofre Muniz Gomes de Lima, Oliver Carneiro Ramos, Cleto Potiguara Veras e Júlio Veras (foi também Governador militar no Estado do Pará em 1930). Oficiais: Murilo Veras Fontenele, Tércio Veras, André Avelino Chaves, Bibiano Pessoa Chaves, os irmãos gêmeos, Haroldo Sanford Barros e Heraldo Sanford Barros, João Carvalhedo e Francisco Marques de Sousa (morto a flechadas em 1915 quando em serviço da exploração da Comissão Rondon).

¹⁶ “Ao acto de inauguração que se efectuou no Paço da Municipalidade ao meio dia, compareceram, além de muitos cavalheiros, os srs. coronel Severiano José de Carvalho, Intendente Municipal e Julio Cícero Monteiro, presidente da Câmara havendo por essa ocasião um demorado exercício de marcha ao mando do distinto moço Aldezirio Neves, reservista de primeira classe do exercito, que de bom grado aceitou o convite para instructor da novel agremiação”. O Palavra. “O Tiro”. Camocim, 6 de janeiro de 1912, Anno VIII, nº 15, p.2. Camocim-CE.

lisada a paz e, portanto, assegurada a estabilidade e o progresso das ubertosas plagas descobertas por Cabral¹⁷.

Como se pode apreender da matéria jornalística, a relação criança-arma nem sempre foi tão polêmica como o é atualmente, embora que os usos e abusos deste discurso sejam praticamente os mesmos, independente do tempo. O cidadão-soldado de outrora é transportado para o “cidadão do bem” armado de agora. Voltando para a citação anterior, é interessante ressaltar como o redator busca uma associação entre a agremiação militar com a ideia de “progresso”, que redundava em prestígio para a cidade, relação esta muito próxima da conjuntura que justificou a mudança de regime e que era muito forte no imaginário republicano da primeira década do século XX. Neste sentido, a noção de ordem “representada pelos valores militares na sociedade” redundaria em progresso. Para consolidar essa visão, “uma revista direcionada para a divulgação da corporação militar chegou a ser editada em 1917, chamando-se ‘O Fuzileiro’ – revista do Tiro Brasileiro de Camocim”, cujo primeiro número saiu no 1º de abril daquele ano¹⁸.

Continuemos, pois, na narrativa de como o município de Camocim vai se tornando um lugar propício para o abrigo de instalações militares:

O Exército se encontra em Camocim desde seus primórdios, primeiramente com a instalação do Tiro de Guerra N° 213; posteriormente, a cidade foi cogitada para sediar um Posto de Comando pelos americanos na Segunda Guerra Mundial, sendo preterida por Fortaleza, visto que a capital proporcionava melhores condições logísticas. No entanto, uma pequena base militar foi construída como ponto de apoio para as manobras militares, abrigando um grupo de militares americanos. Utilizando mais uma vez as lembranças do nosso morador, ele afirma que a cidade “se tornou ponto estratégico importante, atraindo soldados norte-americanos e com uma base onde chegaram a atracar Zepelins”, salientando um clima de colaboração entre a soldadesca e a população local, no que diz respeito às trocas gastronômicas, cuja novidade eram “as saladas de frutas em lata que os americanos distribuíam com as famílias da cidade, que por sua vez lhes presenteavam bolos”¹⁹. [...] Nos anos da ditadura militar, a cidade foi cogitada para ser sede de

|281

¹⁷ *Jornal A Palavra*. “Actualidade”. Camocim, 6 de janeiro de 1912, Anno VIII, nº 15, p. 1. Camocim-CE

¹⁸ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, *Op. cit.*, 2014, p. 11. O Tiro Infantil é de 1912, em 1913 é fundado o Tiro de Guerra 213, associado à Confederação de Tiro Brasileiro. Posteriormente foi renomeado para Tiro de Guerra 250, em 1917 ficando ligado ao Comando da 10ª Região Militar, do qual é a instituição mais antiga, recebendo atualmente a numeração de 10.001. Em 2017, comemorou-se o primeiro centenário.

¹⁹ FILHO, Antônio de Albuquerque Sousa. Camocim do meu tempo. *Diário do Nordeste*. Ano XXV, nº 8.360, quarta-feira, 1º de março de 2006, p.2. Fortaleza-CE, apud SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, *Op. cit.* 2014, p. 60. SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, *Op. cit.*, 2014, p. 60.

um batalhão do Exército, posteriormente instalado nos sertões de Crateús, aonde chegava o final da Estrada de Ferro²⁰.

Trazendo a história para o contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), talvez esta mentalidade militarista forjada nas primeiras décadas do século XX, apontada anteriormente, tenha respingado nos homens de imprensa da Camocim dos anos 1940. Com efeito, a cidade foi uma das mais proficuas no interior do estado do Ceará em editar pasquins efêmeros, jornais ligados a partidos políticos, associações, clubes etc.²¹ Para termos uma ideia de como os jornalistas locais estavam antenados com a conjuntura beligerante de então, vejamos como isso se apresenta no jornal “O Momento”, defendendo uma maior atenção para a defesa do território nacional com a construção de “uma imensa frota de bombardeiro; treinar um grande exército de guerrilhas, como a HOME GUARD dos ingleses e acabar, desde já, com todos os 5ª colonistas”.

Tem sido isso, justamente o que nós do *Momento* de há muito vimos dizendo. Temos denunciado os quinta colonistas e os traidores por eles subornados, mostrando os propósitos de conquista do nosso país, alimentado pelos totalitários. Os fatos tem-nos dado razão. Quando o *Momento* publicou um artigo com a epígrafe – Camocim base naval e aérea – muita gente riu. O que nós dizíamos não passava de tolice. Agora, porém, todos estão vendo que o que dissemos naquele artigo era fruto de observação e estudo, e que a razão estava conosco²².

Retirando os possíveis exageros, o registro se justifica para pontuar, talvez, um alinhamento do jornal ao clima de guerra e da pressão ideológica encetada pelos organismos do Estado Novo comandado por Getúlio Vargas, passado sua relutância em colocar o Brasil no teatro da guerra. Talvez estejamos dando uma dimensão maior aos fatos, mas quem pode medir sua repercussão estando tão longe do local dos acontecimentos? Por outro lado, é inevitável que algo não aconteça em nosso quintal diante de uma guerra tão brutal e de escala mundial.

Para não dizer que os temores eram de todo infundados, em 1942 tem-se o registro de prisões de quatro pessoas tidas como suspeitas de algum crime, dentre eles, o alemão Werner Timm, acusado de exercer espionagem a favor do Eixo, já que fora preso em sua casa na cidade de Sobral, com material de rádio

²⁰ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, *Op. cit.*, 2014, p. 60.

²¹ Cf. A cidade nas páginas dos jornais. In: SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, *Op. cit.*, 2014, p. 47-51.

²² RODRIGUES, Fernando. Disciplina e Liberdade. *O Momento*. Ano 5, nº 160. Camocim-CE, 24 de abril de 1942, p. 1.

transmissor. Os outros três foram acusados de pertencerem a uma célula integralista e contribuírem com uma mensalidade que era entregue a um padre chamado Jonas. Ficaram apenas três dias na prisão, a mando da DOPS, provavelmente para averiguação (21.10.1942 a 24.10.1942). Já o alemão passou um período maior trancafiado, de 01.05.1942 a 19.05.1942. Essas prisões não geraram prontuários, apenas constam de uma relação da referida delegacia no Ceará, encontrada por nós no Arquivo Nacional. Essas prisões, se não se fundamentam no temor dos jornalistas de “O Momento”, muito provavelmente foram frutos da onda de denunciamento contra estrangeiros, notadamente alemães, que assolou o país²³.

Camocim, por sua posição geográfica, não estava longe do cenário da guerra e era favorecida pelas duas portas de entrada de homens e ideias – o porto e a ferrovia. Os acontecimentos nacionais, portanto, eram acompanhados de perto e a repercussão era sentida na sociedade local que, de algum modo, vivia e se apropriava de seus desdobramentos. Após o período da guerra, sintomaticamente vê-se em Camocim uma proliferação de instituições, como partidos, sindicatos, associações dos mais diversos objetivos, residindo aí uma singularidade que marcou a vida cotidiana na cidade e que envolveu os mais diversos setores sociais.

Mas a guerra também teria seus heróis quase anônimos: Zé da Guerra e Gerardo Fontenele Lima. O primeiro, nem tanto, posto que seu próprio nome de “guerra”, conhecido de toda a cidade, já dizia muito sobre ele. O sr. Fulano de tal foi pracinha, condecorado etc. O segundo, não fosse uma Ação Declaratória movida por sua irmã, Angelita Ferreira Fontenele, não saberíamos que ele foi um dos muitos cearenses que partiram para os seringais da Amazônia, atendendo ao chamado do governo feito pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMATA). Aliás, o porto de Camocim, durante algum tempo neste período, foi ponto de partida destes trabalhadores para o esforço de guerra, que tinha como slogan “Borracha para a Vitória”. Não se sabe o fim que levou Gerardo Fontenele Lima, a não ser o que sua irmã declarou em juízo:

Gerardo Fontenele Lima, atualmente em lugar incerto e não sabido, vez que em junho de 1942 saiu de casa, deixando seus pais e irmãos por ter sido convocado pela ‘SEMATA’, instituição que naquela época recrutava jovens para trabalhar nos seringais da Amazonas que também eram conhecidos como Soldados da Borracha na época da Segunda Guerra Mundial e nunca deu notícia de vida ou morte, sendo totalmente ignorado seu paradeiro, dada a inexistência de qualquer notícia ou

²³ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos, *Op. cit.*, 2014, p. 62.

simples informação a seu respeito, por este longo período de tempo²⁴.

Enumerando fatos, relacionando aproximações

Com certeza, poderíamos nos estender bastante na análise de fatos do período republicano que tiveram correspondência e repercussão em Camocim. Contudo, face aos limites deste texto e da obra, faremos isso posteriormente. Por enquanto, um mapeamento rápido do que pode se constituir como objeto de pesquisas futuras.

Camocim na rota das expedições científicas

284 | Ainda no Império, a região de Granja e Camocim foi visitada pela chamada Comissão das Borboletas (oficialmente, Comissão Científica de Exploração)²⁵. Na primeira década do século XX, com o advento da República, várias expedições científicas foram realizadas no interior do Brasil, no sentido de conhecer melhor o território, o povo, a cultura. Logo entre setembro de 1905 e fevereiro de 1906, o sanitarista Oswaldo Cruz empreendeu uma viagem de inspeção aos portos do Brasil (24, ao todo) para mapear suas condições de higiene e saneamento, visando combater o cólera e a peste. Foram 68 dias de viagem. Em cada porto, a comissão de estudos fazia um relatório e Oswaldo Cruz geralmente escrevia uma carta à sua esposa sobre o lugar em que estava, falando de fatos e pessoas com quem esteve. Camocim foi um dos portos visitados. Se ele escreveu uma carta de Camocim para sua esposa Emília Fonseca Cruz, ainda não sabemos, mas as cartas (16 no total) estão no acervo da Fundação Oswaldo Cruz e um dia pensamos em consultá-las. Quanto aos relatórios, ainda não foram encontrados e/ou disponibilizados²⁶.

Sete anos depois, em 1912, noutra expedição, Camocim é visitada por cientistas da Fundação Oswaldo Cruz.

²⁴ Fórum de Camocim. Ação declaratória – Nº 2526. Autora: Angelita Ferreira Fontenele, fl. 2, Ano: 1986. Cx: 114.

²⁵ Após a volta da Comissão ao Rio de Janeiro, vários relatórios e exposições foram elaborados e mostrados. Recolhemos, em um dos anexos de um relatório, um trecho que fala de uma exposição no Museu Nacional realizada em 1861, relativa à nossa rede de tucum, recolhida por um dos integrantes da referida comissão. Vejamos: “Uma rede de lavarinto é um trabalho primoroso que consumiu dois anos de tempo. O verdadeiro elemento da rede é feito de cordel de tucum pelos caboclos e pescadores do Camocim. São ainda imperfeitas malqueiras”. BRAGA, Renato. História da Comissão Científica de Exploração. Disponível em: http://www.colecaomossoroense.org.br/pics/historia_dacomissao_cientifica_de_exploracao.pdf.

²⁶ LIMA, Ana Luce Girão Soares de. *A bordo do República*: diário pessoal da expedição de Oswaldo Cruz aos portos marítimos e fluviais do Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n1/v4n1a07.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

Mapeando o sertão

Enquanto Adolpho Lutz e Astrogildo Machado singravam o São Francisco e seus afluentes, João Pedro de Albuquerque e José Gomes de Faria atravessavam os Estados do Ceará e Piauí, de março a julho de 1912. Esta expedição percorreu um longo trajeto, que incluía Fortaleza, Quixadá, Prudente de Moraes (Muxuré), Quixeramobim, Baturité, Acarape e Redenção. Retornando a Fortaleza, seguia para Tutóia, Parnaíba, Teresina, Amarante, Floriano, Serra do Ibiapaba, São Benedito, Ibiapina, Jacará, Tianguá, Guatiguaba, Viçosa, Granja, Sobral, Serra de Meruóca, Ipu, Ipueiras, Pinheiro, descendo, por fim, pela estrada de ferro de Sobral até Camocim²⁷.

No referido livro, além da referência a Camocim, da passagem da comissão pela cidade, ficou registrada uma imagem da Barragem Lima Brandão, na cidade de Granja, legendada como localizada no Rio Camocim, como era oficializado na época o hoje Rio Coreau.

A modernidade que vem do ar. O pioneirismo de Pinto Martins

“As palavras mais repetidas na primeira metade do século XX foram ciência, progresso e modernidade. O desenvolvimento foi espetacular. Transportes, eletrificação e indústrias químicas transformavam a sociedade. [...] Novidades chegavam pelo ar”, assinala a historiadora Mary Del Priore²⁸. Camocim entra na história com a iniciativa do aviador Euclides Pinto Martins, nascido nesta cidade em 15 de abril de 1892, e o experiente piloto americano Walter Hinton em realizar um voo entre Nova Iorque e Rio de Janeiro em 1922, no sentido de fazer parte das comemorações do Primeiro Centenário da Independência²⁹. O voo partiu de Nova Iorque em 17 de agosto de 1922 e foi muito atribulado, com várias pannes e troca de hidroavião, passagem por Camocim e outras cidades, chegando ao Rio de Janeiro somente em 08 de fevereiro de 1923. Contudo, ficava inaugurada a rota aérea Brasil-Estados Unidos. O feito do aviador camocinense e de seus colegas americanos foi bastante divulgado pela imprensa da época.

Praticamente todos os veículos de comunicação da época deram destaque à chegada dos aviadores aventureiros que, finalmente, completavam o *raid* aéreo Nova Iorque-Rio de Ja-

²⁷ Instituto Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1992, p. 56.

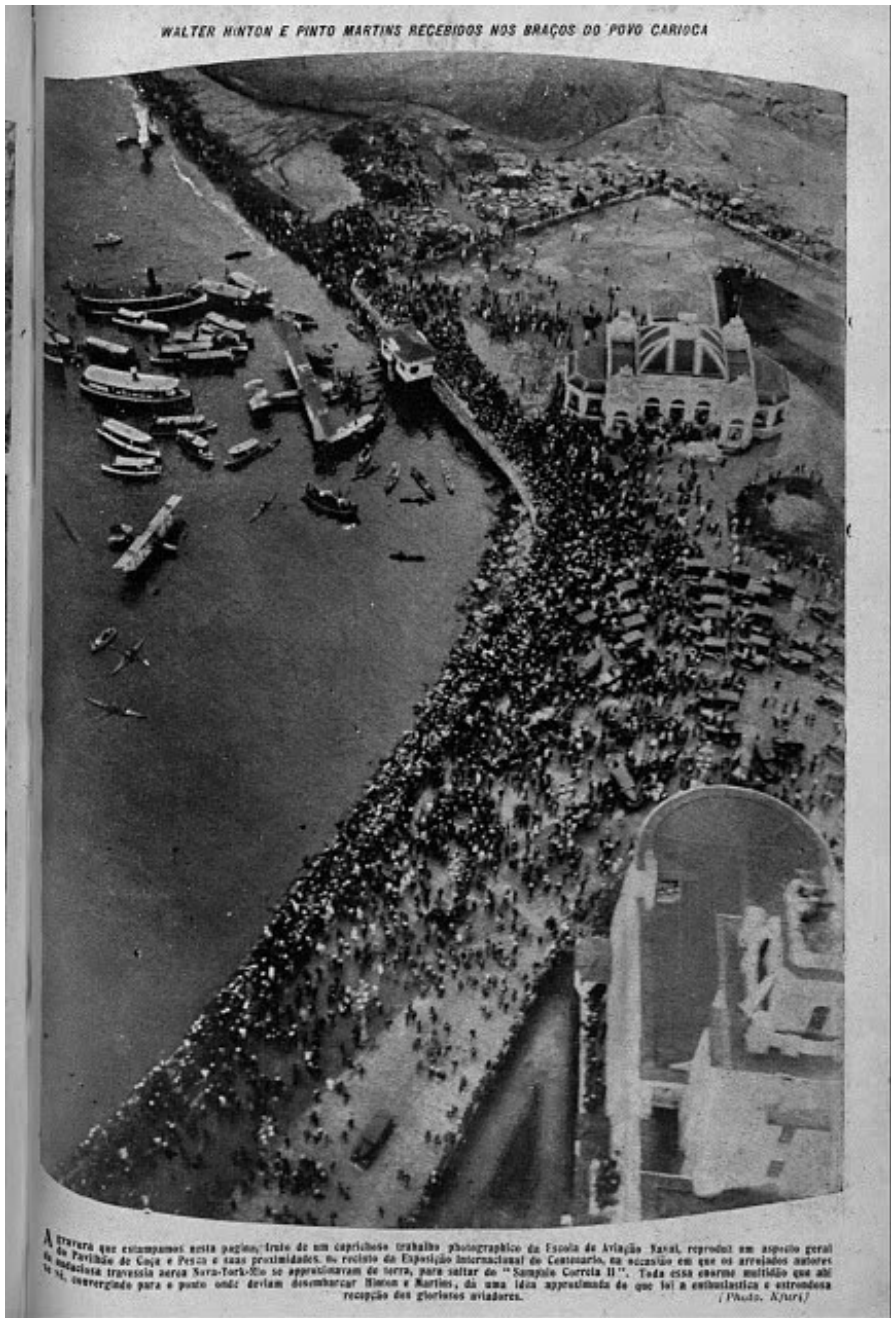
²⁸ DEL PRIORE, Mary, *Op. cit.*, p. 219.

²⁹ Maiores detalhes sobre o voo pioneiro, ver as postagens do Blog Camocim Pote de Histórias, no endereço eletrônico: www.camocimpotedehistorias.blogspot.com.br.

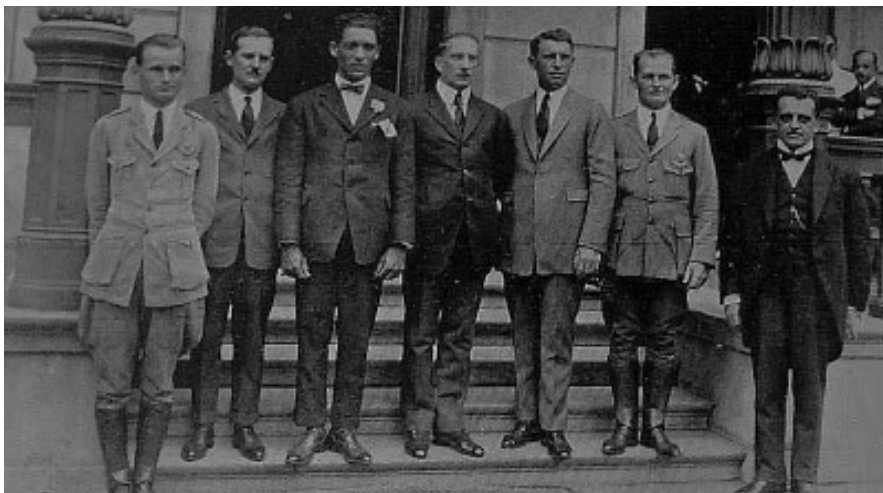
neiro. Naquele **08 de fevereiro de 1923** ainda estava aberta a Exposição Nacional que comemorara o Centenário da Independência em setembro de 1922. A profusão de imagens e textos (em prosa e versos) ofertados a Pinto Martins e Walter Hinton revelam bem a importância que ainda foi dada ao evento, com a presença do **Presidente da República Artur Bernardes** e outras autoridades da República. A partir de então, sucederam-se homenagens as mais diversas da elite carioca e paulista e de instituições da sociedade civil. A Aviação Naval, por exemplo, promoveu um almoço para os aviadores na Ilha das Enxadas. A Colônia Americana também os recepcionou com almoço no Palace Hotel. Neste mesmo local o Aero Club Brasileiro ofereceu um banquete onde Pinto Martins foi recebido por Santos Dumont. A Associação Comercial do Rio de Janeiro promoveu um chá dançante no Club dos Diários. O Club Portuguez, o Centro Beneficente Gago Coutinho e Sacadura Cabral e o Centro Maçônico realizaram sessões solenes. A Associação dos Empregados do Comércio de São Paulo, entregaram medalhas a Pinto Martins e Walter Hinton no campo de **Indianópolis**. Enfim... foram muitas as homenagens³⁰.

³⁰ Abril Pinto Martins - no Rio de Janeiro, a apoteose. Disponível em: <https://camocimpotedehistorias.blogspot.com/search?q=Pinto+Martins>

As fotos da época mostram a grandiosidade e o significado do evento:



Vista aérea da recepção à Pinto Martins e Walter Hinton. Rio de Janeiro. 1923. Fonte: Revista *Fon Fon*. nº07, p. 31. 1913. Rio de Janeiro.



Ao centro Presidente Arthur Bernardes, tendo à esquerda Pinto Martins e à direita Walter Hinton. Fonte: Revista *O Malho* 1066, p. 27. 1923. Rio de Janeiro.

Contudo, toda modernidade tem seu preço. O mesmo Presidente Arthur Bernardes que confraterniza com Pinto Martins pelo feito aeronáutico autoriza o uso do bombardeio de São Paulo durante a Revolta Tenentista (1924), feito com o uso de aviões.

288 |

Considerações finais

Poderíamos ainda relacionar fatos da Revolução de 1930 e da Ditadura Vargas que aqui repercutiram, como a prisão do fundador do Partido Comunista em Camocim, Francisco Theodoro Rodrigues, e a perseguição aos demais camaradas do partido até meados dos anos 1980, quando findou a ditadura civil-militar inaugurada em 1964. Assim como poderíamos tecer comentários de como a Igreja Católica combateu o comunismo na cidade e de como as forças conservadoras se organizaram na sociedade civil e na Câmara Municipal durante este percurso de tempo. No entanto, este será um exercício de pesquisa e escrita a ser feito a *posteriori*.

Fontes

Manuscritas

Arquivo da Câmara Municipal de Camocim. 1º Livro de Offícios Expedidos, 26/12/1885 a 11/05/1908.

Fórum de Camocim. Ação declaratória – Nº 2526. Autora: Angelita Ferreira Fontenele, fl. 2, Ano: 1986. Cx: 114

Impressas

Jornal *A Palavra*, Anno VIII, nº 15, 6 de janeiro de 1912. Camocim-CE, p. 2.

Jornal *O Momento*. Ano 5, nº 160, 24 de abril de 1942, Camocim-CE, p. 1.

Jornal *O Literário*. Ano III, Edição 16, maio de 2001. Camocim-CE, p. 5

Jornal *A Pátria*. Fortaleza-CE, agosto de 1890, p.3.

Jornal *Diário do Nordeste*. Ano XXV, nº 8.360, quarta-feira, 1º de março de 2006. Fortaleza-CE, p. 2.

Revista *Fon Fon*. nº 07, p. 31. 1913. Rio de Janeiro.

Revista *O Malho*, nº 1066, p. 27. 1923. Rio de Janeiro.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samarooni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355